



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTGRS)**

**370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana**
ANO 2019 Dezembro Nº 337

ANTIMIL

**- A Organização Secreta Comunista nas Forças Armadas -
Texto inicialmente publicado em “O TUIUTI” em julho de 2013,
atualizado e acrescido em janeiro de 2019.**

Antonio Gonçalves Meira

**Tenente-Coronel de Infantaria (AMAN/1954), Bacharel e Licenciado em História
{Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da antiga Universidade do Distrito Federal
(1959)}, Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RJ e sócio
jubilado do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.**

Poucas informações se tem podido colher quanto à origem e as atividades da ANTIMIL em nossas Forças Armadas, tanto era secreta, embora permanente e atuante. Se aqui escrevemos “era”, fato passado, não se exclua a possibilidade de que a ANTIMIL prossiga em sua missão, com novas formas agressivas.

Em 1958, a Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, pela sua Delegacia Auxiliar, publicou o trabalho “Aspectos da Atividade do Comunismo em Pernambuco”, um relatório apresentado à II Conferência Nacional de Polícia pelos delegados Álvaro Gonçalves da Costa Lima, Armando Hermes Ribeiro Samico e Francisco de Assis Lima. Pouco antes, em 1956, a polícia pernambucana havia desarticulado, após a queda da sua Comissão Regional, com base em Recife, o Partido Comunista. Era ele, local e caracteristicamente, uma trama de comissões, frentes, círculos, associações. Uma das comissões era a ANTIMIL, o setor militar do Partido, subordinado diretamente ao seu Comitê Central.

Um detalhado organograma do Partido Comunista em Pernambuco está nessa obra referida, nela consignada a Comissão ANTIMIL, envolvente e ligada ao Comitê Central, página 24.

Em 1994, publicou-se o livro “Revolução Impossível”, Editora Best Seller, São Paulo, do escritor comunista Luís Mir. Um trabalho alentado, que é uma autocrítica da ação vermelha no Brasil. Não por acaso, algumas fontes de esquerda classificam-no como “contraditório” ou “problemático”. O livro não alcançou uma segunda edição talvez por mostrar as entranhas da ação comunista.

Nessa obra, colhe-se referência à ANTIMIL, cuja criação é atribuída a Luiz Carlos Prestes e conceituada como “a organização secreta dos comunistas nos quartéis”.

Transcrevemos:

“Se Prestes depositou sobre os ombros fardados o destino revolucionário dos comunistas em 1935, ele repetiria o fato em 1964, com a ANTIMIL funcionando como mola mestra (o grifo é da transcrição) na tentativa de neutralizar a maior força anticomunista que o país já teve neste século: o Exército Brasileiro. Em 35, os oficiais e soldados comunistas foram derrotados em quatro dias, com alguns pequenos combates. Em 1964, não chegaram a se mover de suas casas ou quartéis e foram derrotados numa madrugada, a de 1º de abril de 1964”, (página 10).

ANTIMIL remonta, pelo menos, ao final da década de 20 do século passado, “circa” 1929, com a criação do CMR, ou Comitê Militar Revolucionário, ligado a um denominado GNPR ou Governo Nacional Popular Revolucionário. Esse CMR é tido como o início das atividades comunistas nos quartéis. Sua função era estabelecer células onde lhe fosse possível, tendo sido implantadas a da Escola Militar do Realengo e a da Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos. Luiz Carlos Prestes tinha atuação de proa no CMR, reestruturado, ao que parece, em 1935, ainda com Prestes e com o civil Antonio Maciel Bomfim (“Miranda”), mais o Tenente Paulo Machado Carrion, codinome “Pavel”, do Batalhão de Transmissões, onde se teria estabelecido outra célula comunista. Veja-se “Camaradas”, de William Waak, Companhia das Letras, São Paulo, 1985.

Diríamos que há uma paranóia verbal recorrente entre os comunistas. Às organizações dão nomes grandiloquentes. Talvez esse GNPR ou Governo Nacional Popular Revolucionário seja o mesmo GPNR ou Governo Popular Nacional Revolucionário, com um programa em que se fundem os comunistas e participantes da ANL ou Aliança Nacional Libertadora, com Luiz Carlos Prestes à frente de tal governo. Cópia desse programa há no Arquivo Getúlio Vargas (Volume XX, Doc. 87). O programa contempla um ENR ou Exército Nacional Revolucionário. Em 1935, às ordens de Prestes aos seus agentes no 3º Regimento de Infantaria, denominam-no 3º Regimento Popular Revolucionário.

Na oportunidade do chamado “Levante dos Sargentos”, em setembro de 1963, em Brasília, apareceu um “Plano de Ação Subversiva” com a instalação de um GPR ou Governo Provisório Revolucionário prescrevendo, naturalmente, a abolição da hierarquia militar. Nada se comprovou de relacionamento entre o levante e esse Plano de Ação Subversiva. O levante de Brasília foi deflagrado por indução. Diante de um pleito justo que era a elegibilidade das praças fez-se, contra decisão do Supremo Tribunal Federal, manifestação armada, com apoios na Aeronáutica e Marinha, induzidos, suggestionados, líderes e participantes. Quem e o quê os suggestionariam? O viés ideológico não se mostrou, sustentação efetiva não houve. Diríamos que havia, contudo, os sopros na esperança de avivar fraca centelha. Torná-la o fogo de uma insurreição popular armada. Aqueles graduados que se expuseram foram peças de manobra num jogo cujo regime ignoravam, sem percepção real do desfecho maior que, externamente, outros buscavam. A liderança maior do levante declarou-se sob influência do “brizolismo”, isto é, da disputa que mantinha Leonel Brizola contra o Presidente da República, João Goulart (Jango), seu cunhado. Podemos inserir o levante de Brasília no quadro dessa disputa, computados o líder do levante e seus seguidores mais confiáveis, no chamado “esquema militar do brizolismo”.

Jango Goulart e seu assessor militar próximo, o General Assis Brasil, determinaram a dura repressão ao levante. Paulo Schilling, íntimo de Leonel Brizola, chega a afirmar que a derrota de 31 de março começou em Brasília no dia 12 de setembro de 1963, com o fracasso do “Levante dos Sargentos” o qual, recordemos, não repercutiu no Exército. O levante, frisemos! Ver “Como se coloca a direita no poder”, Paulo Schilling, dois volumes, Globo, São Paulo, 1981. A mesquinha disputa pessoal pelo poder, entre Jango e Brizola, os deixaria cegos ante uma verdade concreta. Vitorioso o comunismo, seriam eles os primeiros a sucumbir ante um “paredón”. O contra-golpe

de 31 de março salvou-lhe as vidas, podemos dizer. Sobre o levante dos sargentos, recomendamos a leitura, desprezadas as conclusões, da obra “Praças em pé de guerra”, de Paulo Eduardo Castello Parucker, Editora Expressão Popular, São Paulo, 2009. E a elegibilidade dos sargentos seria problema solucionado harmoniosamente após o 31 de março de 1964. Militares, oficiais e praças, concorrentes a pleitos eleitorais e vitoriosos nas urnas, faziam opção entre a política e sua carreira nos quartéis. Até de forma generosa! Com transferência para a inatividade remunerada nas condições de tempo de serviço para tanto.

A propósito, veja-se o depoimento de um graduado que se elegera deputado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e que não tivera a sua posse, impedida pelo Supremo Tribunal Federal. Em um livro (*A Legalidade, o Golpe Militar e a Rebelião dos Sargentos*”, Editora AGE, Porto Alegre, 2011), declara-se comunista, com ingresso no partido em 1954, quando era 3º Sargento do 9º Regimento de Infantaria, em Pelotas. Muito acrescenta na obra – os nomes do graduado que o cooptou, e do coordenador da ala militar do PC – a ANTIMIL, naturalmente. O 3º Sargento, autor da obra, foi saneado, isto é desligado do Exército, em 1964. A ele retornou, com a anistia, na condição de Oficial do Quadro Auxiliar. Vale aditar que afirma, no seu livro, que “em quase todas as cidades onde havia uma guarnição militar havia um núcleo do PCB”, página 35. Outros nomes menciona o autor do livro e não são poucos. Ver páginas 33 e 35. Uma extensa rede.

O proselitismo vermelho era apoiado em forte distribuição de material impresso como “União de Ferro – Órgão Central do PCB nas Forças Armadas”, “O Libertador – Órgão dos Militares Anti-imperialistas”, “Asas Vermelhas”, circulante na Aviação Militar, “Marujo Vermelho”, na Marinha, e até um certo “O Liga”, para os cadetes da Escola Militar do Realengo. Outros veículos, de efêmera duração, também circularam nos quartéis e navios de guerra, Não tinham distribuição ostensiva, já que ela era reprimida. Entretanto, até em mesas de comandantes não era raro que, clandestinamente, fosse deixado algum exemplar desses materiais de propaganda subversiva. Era intenso o esforço do pessoal da ANTIMIL.

Na repressão policial ao comunismo fora da lei, muita documentação foi apreendida. Nada, especificamente, relativo à ANTIMIL, tal era o resguardo da sua natureza confidencial e da preservação das atividades, especialmente nomes de participantes, de menor ou maior hierarquia, neste caso, os oficiais envolvidos. Os dois grandes segredos mantidos pelos comunistas foram (e continuam, parcialmente, sendo) a ação da ANTIMIL e o financiamento das suas atividades.

No relatório da Secretaria de Segurança de Pernambuco, já aludido há, entre os anexos, cópia de um extenso documento apreendido que, obviamente, foi produzido pela ANTIMIL, tal o seu caráter técnico-profissional É denominado “A Luta contra Carros de Combate nas Ruas”, inclusive com ilustrações que a cópia omite. Tudo louvado em regulamentos militares de época como o FM 17-32 (Manual da Companhia de Carros de Combate), o C 17-100 (Manual de Campanha para as Forças Blindadas) e a Circular de Instrução TC-14 (Combate em Localidades). Isso em época que Recife era estacionamento de unidade de blindados. O documento foi produzido, sem dúvida, por um especialista, oficial ou graduado.

A obra “Um Olhar à Esquerda”, de Paulo Ribeiro Cunha, Editora Revan, Rio de Janeiro, 2012, também autor de viés esquerdista, acrescenta informações sobre a ANTIMIL. Era ativa em Salvador, nos idos de 1943, com ramificações na Marinha e na Força Aérea Brasileira, esta criada em 1941 com a unificação dos meios aéreos navais e do Exército. Era, lá, coordenada por Giocondo Dias, ex-sargento, vivendo na clandestinidade. Acrescentemos que clandestinidade tolerada, pois outros destacados líderes comunistas dela usufruíram. Veja-se a página 187. Uma entrevista concedida ao autor, página 248, por um ex-cadete da Escola Militar de Resende (futura Academia Militar das Agulhas Negras) afirma a existência do que seria a ANTIMIL naquele estabelecimento de formação de oficiais, organizada em quartetos de cadetes, com ligações entre as Armas e o Serviço de Intendência. O entrevistado graduou-se oficial de Artilharia, em 1950. Alcançou-o o expurgo de 1964, juntamente com o pai e um irmão; estes, oficiais de Marinha. Ainda, segundo o autor, com fonte mantida em sigilo, cita-se a continuidade de Giocondo Dias nos assuntos da AN-

TIMIL, associado a Almir Guimarães. Mais diz o autor, Paulo Ribeiro Cunha. A ANTIMIL é “ainda hoje, um dos mais obscuros e pouco estudados aspectos da atuação histórica da organização”, página 248, referindo-se, naturalmente, ao Partido Comunista. Acrescenta que seria estruturada em segmentos e compartimentos. Segmentos hierárquicos (oficiais e praças), compartimentos próprios de cada Força Armada singular. Afirma ainda o autor que a Marinha chegou a contar com mais de 300 integrantes comunistas entre oficiais e praças, o que não é crível.

Até mesmo ANTIMIL, uma abreviatura, deixa dúvidas sobre o seu significado. Seria “antimilitares”, “antimilitar”? Pura especulação do autor destas linhas.

Nomes protegidos por sigilo, quem participaria, dirigiria ou orientaria as comissões ANTIMIL? Haveria os mais atuantes e envolvidos, os colaboradores, os simpatizantes, os sabotadores e os companheiros de viagem. Estes últimos, elementos não comunistas, mas associados a interesses político-partidários de conjuntura. Sem perceber ou fazer pouco caso do que perderiam em acordos espúrios. Políticos de conventículo! O ex-sargento antes referido, autor do livro, elegeu-se pelo PTB, embora comunista fosse.

Em 1935, os atuantes (talvez a maioria) da ANTIMIL projetaram-se, identificados, na derrota ante a legalidade, processados e condenados. Nomes bastantes conhecidos, inclusive o de Luiz Carlos Prestes, Quem quiser recordá-los, não pelo que valham, mas por esclarecimento histórico de alerta, veja:

“A Insurreição de 27 de Novembro”, Relatório do Delegado Eurico Bellens Porto, Polícia Civil do Distrito Federal, Imprensa Nacional, 1936. Infelizmente uma raridade bibliográfica, sendo até crível que a disponibilidade dessa fonte tinha sofrido destruição por interessados em fazê-la inacessível e “Um Chefe”, de Anthero de Queiroz, sem indicação de editora, Rio de Janeiro, 1937, uma apreciação dos acontecimentos de 1935, focalizada na conduta do General, João Gomes Ribeiro, Ministro da Guerra naquela oportunidade. Destaque para a ausência de instrumentos legais para a condenação dos sediciosos! Engessamentos Jurídicos.

Outros, com envolvimento a seguir desmascarado em investigações, constam de atos de exclusão sucessivos que podem ser consultados no “Relatório apresentado ao Presidente da República pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Estado da Guerra, em 1937”, imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1937.

Muitos dessa segunda linha, fiéis às suas convicções, exilaram-se em fuga à lei, e alguns foram para a Espanha juntar-se às Brigadas Internacionais, na Guerra Civil (1936-1939). A palavra de ordem, a determinação da matriz moscovita, era o combate ao fascismo – organização sócio-político totalitária como se o comunismo também não o fosse na antiga URSS. Quem procurar nomes veja “A Solidariedade Antifascista – Brasileiros na Guerra Civil Espanhola”, por Thais Battibugli, São Paulo/Campinas, EDUSP/Editora, Autores Associados, 2004. Um desses brigadistas, cuja identificação omitimos, tenente de Artilharia, retornante ao Brasil, festejado como notável democrata, foi um dos fundadores do partido político que alcançou a direção dos destinos brasileiros. Todas os brigadistas foram tirados das prisões por ordem do então Ministro da Justiça José Carlos de Macedo Soares, em junho de 1937, numa decisão que ficou conhecida como “a macedada”. Atitude de perdões generosos de que não se tem notícia em estados comunistas. No Brasil, a dita “autocracia”, o “entulho autoritário”, concedeu-os em 1945 e 1988. Prudentemente, aos militares da ANTIMIL anistiados concederam recuperação de direitos mas negaram-lhes reintegração na caserna. Quando remetemos os possíveis leitores, por memorização histórica de alerta, a fontes de esclarecimento de nomes da ANTIMIL, temos em mente o que escreveu o comunista Jacob Gorender, em “Combate nas Trevas”, Ática, São Paulo, 1987. Na conclusão dessa obra, apela para um processo de memorização coletiva em face dos insurretos de 1935 e dos combates de 1968-1974, página 250. Indispensável que outra memorização ocorra e se cultuem os nomes dos que enfrentaram aqueles, em 1935 ou de 1968 a 1974. A verdade, qual as

moedas, tem duas faces. Algo que se ignorou, numa atuante e tendenciosa Comissão da Verdade, com sucursais que se revestiram de um autêntico e enganador “marketing” vermelho.

A ANTIMIL foi (e continua a ser, cremos, e com outra casca) uma extensa e complexa rede de infiltrações, de contatos com trabalho, ações e metas concordantes e confluentes. Difícilmente se expõe, sob pena de queda parcial. Ainda que esta ocorra, reconstitui-se. Perdoados o preciosismo, é qual a massa orgânica chamada sincício – conjunto de células que se fundem perdendo parte da sua membrana e formando uma única massa citoplasmática Sincício, de inúmeros núcleos no ectoplasma; núcleos solidários e em interação. Um dos seus braços ou tentáculos é (ou era) o dos militares ditos intelectuais. E, realmente, de cultura diversificada mas, cegamente, tendenciosa. Caso de conhecido e prolífico historiador, já falecido, que sempre negou a sua ligação comunista. Escritor, como outros, a se expressarem ao amparo da liberdade de crenças. Liberdade que nunca existiu no santuário estrangeiro das suas inspirações. O prolífico historiador fez proselitismo em dezenas de obras publicadas, em jornais e num instituto a serviço da sua causa. Deixou seguidores. A despeito de sempre negar, esse soldado-escritor ou escritor-soldado, sua ligação com o Partido Comunista, obra a que antes nas referimos (“Um Olhar à Esquerda”), que é uma análise do seu pensamento marxista, através de entrevistas e de sua produção intelectual, deixa claro o seu envolvimento com a ANTIMIL, desde 1944 ou 1945, em Salvador. E com prosseguimento na mobilização para as eleições no Clube Militar, concorrente na chapa que foi vitoriosa para a presidência da associação – a do General Estillac Leal. Veja-se às páginas 208, 232 e 244. Outros valeram-se, na pregação, das facilidades que conquistaram em publicações oficiosas militares. Outros fizeram-se conferencistas, palestrantes, a favor de campanhas nacionalistas ou nem tanto. Embaralharam, astuciosamente, o entendimento do público interno quanto ao nacionalismo verdadeiro e ao nacionalismo pró-soviético. Não um nacionalismo “verde e amarelo” mas uma contestação ativa aos Estados Unidos, rival disputante com a URSS.

A emblemática campanha “O Petróleo é Nosso!” tinha verdadeiros defensores nacionalistas, até com eco e reverberação dos pregadores comunistas, estes em “cortina de fumaça”. A verdadeira posição comunista e da qual eram mentores os parlamentares comunistas, na Assembleia Constituinte, era refletida em emendas legais de participação privada na exploração do petróleo brasileiro e nas pressões sobre publicistas e técnicos para apoio. O dissidente Osvaldo Peralva escreveu em “O Retrato”, Coleção Catavento, Editora Globo, Porto Alegre, 1960, fonte insuspeita:

“O que o PCB visava era deixar brecha para uma eventual participação soviética na exploração do nosso petróleo através de empresas mistas russo-brasileiras, como a SOVROM-PETROL que explorava campos romenos, opondo dessa forma os interesses nacionais em favor dos interesses soviéticos”, página 267.

Como a ANTIMIL se organizava, e voltamos às conjecturas! Seria, possivelmente, a organização celular, tipicamente comunista. Como se ligavam seus agentes, como avaliavam seus encargos? Visível, entre os seus integrantes, era a proximidade física, favorecedora dos contatos pessoais e sem registros. O “boca a boca”. Quem viveu, outrora, na caserna, há de ter constatado visitas entre eles, de suspeição a florada, aparentemente por motivos sem importância, tipicamente fraternas ou...

Em certos momentos críticos, a partir do governo Juscelino, críticos do ponto-de-vista dos contestadores do comunismo, a designação de alguma alta chefia militar, sabidamente de passado esquerdista, era seguida de auxiliares de idêntica orientação para formar a “capela”. Algo repetido, nos anos 60 do século passado. Até mesmo, nessa oportunidade, a promoção por escolha de certos nomes ao generalato das Forças Armadas foi influenciada por crivo ideológico. Escrevemos “certos nomes”, em evidência das exceções. Os que nestas não se incluem foram denominados “generais do povo”, e houve “almirantes do povo” e “brigadeiros do povo”. Melancólico apelido pois, do povo, são as Forças Armadas, dos recrutados ou grumetes aos mais altos escalões.

Lembramos o fortalecimento da ANTIMIL, ou pseudo-fortalecimento, pois um tal “dispositivo militar” não resistiu ao contra-golpe de 31 de março de 1964. Em certo momento da vida do autor destas linhas, na condição civil de professor universitário, tivemos um aluno, 1º Sargento Fuzileiro Naval, que nos dispensou fraterna afeição. Dele ouvi que o Comandante Geral do Corpo de Fuzileiro Navais, um almirante egresso da carreira de praças, fizera uma reunião com os seus graduados, sargentos tendo, ao final da sua arenga, dito: “Se vocês quiserem chegar a almirante, fiquem comigo! Se quiseram continuar sargentos, fiquem com esses (impublicável) da Escola Naval!” O oficialato dos Fuzileiros Navais já era procedente, em sua maioria, da Escola Naval. O nome desse almirante, peça forte (ou nem tanto) da ANTIMIL, era Cândido Aragão, expurgado da Marinha de Guerra, em 1964. E permanente nas folhas de pagamento até 1998, quando faleceu. A palavra impublicável é o termo chulo que se aplica aos pederastas passivos!

Apreciemos outros aspectos da atuação da ANTIMIL, como a potencial capacidade sabotadora. Elementos militares ou assemelhados, em quaisquer funções, poderiam propiciar prejuízos às ordens legais, retardo na difusão delas, ao funcionamento harmonioso de qualquer setor. Algo ao alcance até de um soldado. Um exemplo vivido! Após a anistia de 1945 (ou mesmos antes dela) funcionou, no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, uma célula comunista denominada “Emerenciano Lira”. Com a obrigatoriedade de inscrição eleitoral para os pleitos marcados, agiu junto do operariado e funcionalismo a pretexto de obter-lhes, com facilidade, o Título Eleitoral. Bastava assinar um requerimento e fornecer uma fotografia e certidão de nascimento, restituível. Não sabiam os “favorecidos” que aquele requerimento, assinado em confiança, era utilizado para inscrição no PCB, posto na legalidade. Se havia uma célula, havia comunistas convictos ou que desejavam apresentar trabalho de aliciamento. Se havia comunistas convictos havia a possibilidade de provocação de acidentes no grande parque fabril que era o Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, tão necessário à eficiência do Exército.

Outras células haveria, sem dúvida, na trama da ANTIMIL. A do Batalhão de Transmissões, com o Tenente Carrion ou “Pavel”; a do 2º Regimento de Infantaria, com o Tenente Augusto Paes Barreto, a do 21º BC em Natal, com os Sargentos Barros e Henrique ou a do 29º BC em Recife, com os Tenentes Lamartine Coutinho de Oliveira e Alberto Bomílcar Besouchet.

Um memorialista militar refere-se à célula da Escola Militar do Realengo, ativa ainda em 1937! Na ocasião foi ele, um calouro, por dois colegas mandado ler um número do jornal comunista “A Classe Operária”, no interior do qual havia uma folha, em separado, com uma paródia do Hino Nacional e intitulada “Aos Brasileiros Explorados”, de autor anônimo e com a estrofe:

“Soldados, operários, marinheiros,
Erguendo à luz do Sol
Sangrenta flâmula,
Tornemos o Brasil dos brasileiros!”

O memorialista, que se ligaria ao comunismo, memorizou a paródia, transcrevendo-a no seu livro “O Capitão do Povo”, Já Editores, Porto Alegre, 2011. A luta de classes, pregada pelo comunismo, era alardeada nos quartéis.

A contenção proporcionada pela derrota de 1935 não significou o esmagamento ou derrota do comunismo nem arrefeceu o trabalho da ANTIMIL. Não hibernaram! Prosseguiram nas sombras! Ganharam alento com a queda do Estado Novo e a ampla anistia de 1945. E quantos militares comunistas estiveram sequer sob qualquer impedimento legal ou suspeição? A Força Expedicionária Brasileira incluiu alguns deles em seus quadros de oficiais. Dois foram comandantes de Batalhão de Infantaria. Um era notório comunista. Outro, ao contrário, não parecia alimentar qualquer suspeita da coletividade castrense e chegou a general de brigada. Um irmão, mais moderno, era de convicções esquerdistas e foi afastado do serviço. Um outro febian, de menor patente, instrutor do Centro de Reacompanhamento (Depósito de Pessoal), de instrução

militar não se ocupava, e sim, fazia proselitismo vermelho e exaltação das vitórias soviéticas no campo de batalha. Prosseguiu a sua pregação, envolvendo alguns companheiros, e se foram, em 1964.

A anistia de 1945 foi um encorajamento a ações visíveis do PCB e da ANTIMIL. Até a tentativa da ressurreição da extinta Aliança Nacional Libertadora, sugerida pelo seu ex-secretário-geral, Comandante Roberto Sisson, a Luiz Carlos Prestes. Na pauta da recriação as mesmas atividades de outrora – ações políticas, contestação ao governo franquista da Espanha, criação de associações, combate aos reacionários. Todos que, para os comunistas, não aceitam a sua ideologia são reacionários. É difícil crer que o comandante Sisson fosse um braço da ANTIMIL na Armada. Nela não era popular, a ponto de ter sido expulso do Clube Naval. No Clube Militar tentou criar a ABCDF (Associação Benjamin Constant, Deodoro e Floriano), sabe-se lá com qual propósito e que não prosperou, evidentemente,

A ação agressiva da ANTIMIL de 1945 a 1964, e anos seguintes, salta aos olhos, e está na lembrança dos militares mais antigos e já na inatividade. Lembrança a ser perpetuada e transmitida aos militares mais jovens – os militares de hoje, na ativa. Oficiais superiores e generais contemporâneos, quantos terão nascidos depois de 1964? E aqueles veteranos militares vivem na convicção napoleônica – “Aquele que salva sua pátria não viola nenhum lei”. Salvaram, eles, o Brasil do comunismo! Que o Brasil esteja a salvo com as gerações militares mais jovens!

O expurgo de 1964 não foi surpreendente, salvo em poucos casos. Também não foi total. Edmar Morel, comunista ou cripto – comunista, em seu livro. “O golpe começou em Washington”, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965, contabiliza 122 oficiais atingidos, sendo 77 de Marinha e 31 da Força Aérea Brasileira, O número foi maior e nem todos por motivos políticos. Os quadros foram saneados, também, por motivos de improbidade funcional ou conduta escandalosa. De qualquer forma, no total ou nas parcelas de oficiais e praças, um número não significativo no efetivo global das Forças Armadas. O comunismo sempre foi um corpo estranho em seu seio. O proselitismo, possivelmente e infelizmente, há de ter prosseguido, e nada garante a extinção da ANTIMIL, proteiforme. Se sobrevive o comunismo e com a roupagem esfarrapada de socialismos tortos, castrismo, bolivarianismo, hegemonia cultural e que tais, a ANTIMIL não deve ser desconsiderado como um perigo e suposta página do passado.

Quem militou (ou milita) no comunismo age com solércia, ilude, engana. Virtudes militares que deixam o ambiente da caserna exposto são a lealdade e a camaradagem. O militar crê nelas e as cultiva. São qualidades que se exercitam de uns para outros, Entre pares, de chefes a subordinados e destes aos seus comandos. Em princípio, não se acredita na deslealdade ou na falta de camaradagem de ninguém, fraternalmente. Entretanto, quantos assim crentes foram assassinados nas mazorcas de 1935 e no terrorismo posterior a 1964, nas ações de esquerda? E quantos mais haveriam de ser justicados sem apelo, triunfasse o comunismo entre nós? No inspirado “paredón” castrista? Ou nas depurações soviéticas?

Por confiança nos seus camaradas comandados, em 1935, dois majores e dez capitães do 3º RI foram reformados. Não acreditavam ou não podiam acreditar no extremismo dos seus subordinados e foram acusados de não tê-los reprimido à altura, não terem reagido com determinação e coragem. Não foi o caso! Surpreendidos, sim, por alimentarem a confiança na lealdade e na camaradagem daqueles que, em dado momento, lhes apontavam as armas e disparavam. Tão evidente que esses atos de reforma seriam tornados insubsistentes. Em anos mais recentes um Capitão de Infantaria, chamado pelo seu comandante em face de suspeitas de comportamento político, jurou-lhe, em lágrimas, lealdade pessoal e institucional. Logo após desertava, apropriando-se de armamento e munição. Era um ativista da ANTIMIL, com célula agregante de praças. Para os militares, um traidor e assassino. Para a esquerda “enragée”, a produção de um mito que é celebrado. Como tantos outros, beneficiado “post mortem” com anistia e com amparo à família. Aliás, amparo à família que as Forças Armadas nunca negaram nem mesmo aos que as traíram.

Eis a ANTIMIL! Cremos que não deixou de existir tal organização pois o comunismo, moléstia social, sobrevive. Moléstia ou praga, extinguiu-se na origem, de onde contaminaria outros povos. Seus últimos focos ainda resistem. A América Latina é o maior deles. Veja-se Cuba! O foco latino-americano é o foco mais sintomático e vivo. Nele está o nosso Brasil, onde o comunismo se reveste de outra pele ou, como escrevemos, veste outra capa rota. Não engana os que o contestam.

Que se alertem as nossas Forças Armadas! Renunciaram os comunistas à luta armada e assaltaram o poder pela via legal ou dita legal, avançando em seus propósitos. Tiveram o governo, o que não significa que tiveram o poder, Para tê-lo, dependeriam de atrelamento e da sujeição moral das Forças Armadas. Isso é o plano em curso. A primeira fase é a da seu achincalhamento diante da opinião pública. Ainda não o conseguiram. Veja-se o resultado das pesquisas de opinião em que o povo lhes concede altíssimo crédito. Esse atrelamento das Forças Armadas é o maior objetivo da ANTIMIL hoje. Como dizia Floriano Peixoto, soldado modelo, que os atuais altos chefes das nossas Forças Armadas confiem, desconfiando!

A atividade de informações de segurança muito se desenvolveu nos últimos anos. Tomou até um nome expressivo – Inteligência. Veja-se uma excelente e atual obra a respeito que é “Inteligência Militar”, de André Luís Woloszyn, Biblioteca do Exército, 2018. Um desenvolvimento que contempla a apropriação das linhas de atuações adversárias.

Enfrentamos, antes, a ANTIMIL orientada pelos preceitos leninistas de choque frontal e, inicialmente, armado. Sem perceber a mudança que já adotava o inimigo, a de lutar por dentro, infiltrado qual o “Cavalo de Tróia”. Quem sabia, dentre os defensores, de algo sobre Antonio Gramsci (1851-1937), o pensador (!) da hegemonia cultural, qual se interessaria por conhecer a Escola de Frankfurt, com Jürgen Habermas (1929), dileto continuador de Theodor Adorno (1903-1969) “et caterva”?

A contestação da ANTIMIL e de suas descendentes implica em aprofundamento intelectual que revele as suas bases e a suas ações. Quem são as descendentes da ANTIMIL? São aos centos! Às centenas ou aos milhares! Aí estão as ditas ONG’s, institutos, observatórios, associações, frentes, comitês, coletivos, movimentos, reuniões, diretórios, etc., etc., sob a capa do preceito de liberdade constitucional (Artigo 5º, XVII e XVIII) da criação de associações. Naturalmente para fins lícitos. E será lícita a associação que pretende minar o Estado Nacional e suas tradições? Seus valores, sua organização, seu patrimônio material e imaterial?

Há que lutar, com permanência, pelo que nos legaram. Que a descendência mereça a sua ascendência, herdeira de cinco séculos. Essa proliferação associativa, a atuação nos múltiplos veículos de comunicação (inclusive virtuais), é característica da “hegemonia cultural” de Gramsci. O novo “Papa Vermelho”, no sentido hierárquico.

Perguntamos, e é indagação cabível! Quem financia, custeia, as associações, antes referidas? Algum altruísmo idealista? Anônimos benfeitores?

Recomendáveis leituras, as obras do saudoso General Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, “A Revolução Gramscista no Ocidente”, Ombro a Ombro, 2002, e “Cadernos da Liberdade” Grupo Inconfidência, 2003. É conhecer para discutir, argumentar, combater e derrotar!

Os comunistas ou neocomunistas já tiveram o governo mas não alcançaram o poder, escrevemos antes, em face da barreira das Forças Armadas. O poder que alcançaram só lhes serviu, a muitos, para enriquecimento ilícito, para falcatruas, apuradas na “Operação Lava Jato”. Uma vergonha nacional a de se ver, caso único em nossa História, um ex-Presidente da República preso por vil desonestidade. O consolo é que seria maior vergonha vê-lo em liberdade.

Recentemente, o jornal “Folha de São Paulo”, 5 de janeiro de 2019, noticiou assassinato de um soldado do Polícia Militar do Rio Grande do Norte declarado, na matéria, como integrante do Grupo de Policiais Antifascistas, com ramificações no Estado do Rio de Janeiro, onde o grupo foi fundado, em 2017, além do Estado de São Paulo. No Rio Grande do Norte seriam 149 militares. O objetivo do grupo é a “luta pelos direitos humanos” e a descriminalização das drogas. Um total

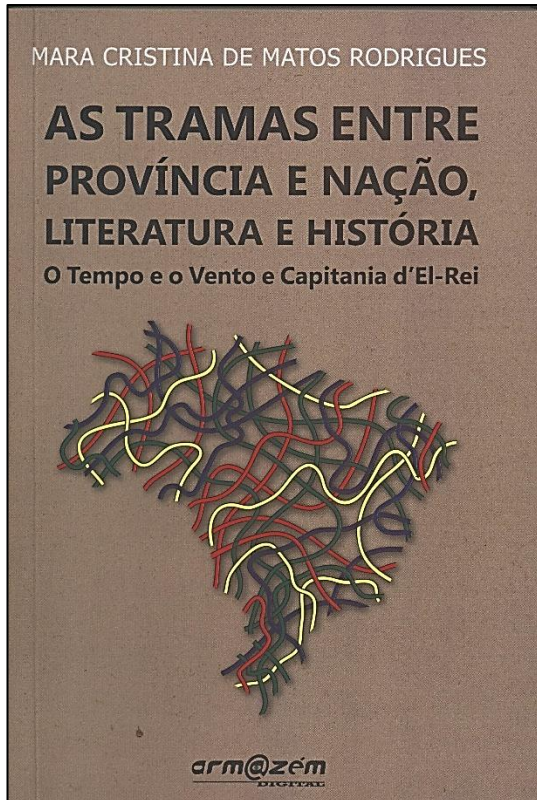
estimado de “Policiais Antifascistas” é de 400 policiais militares, federais, policiais civis e agentes penitenciários. Parece uma ANTIMIL das forças de segurança interna – a ANTIPOI!

Desperta, Brasil!

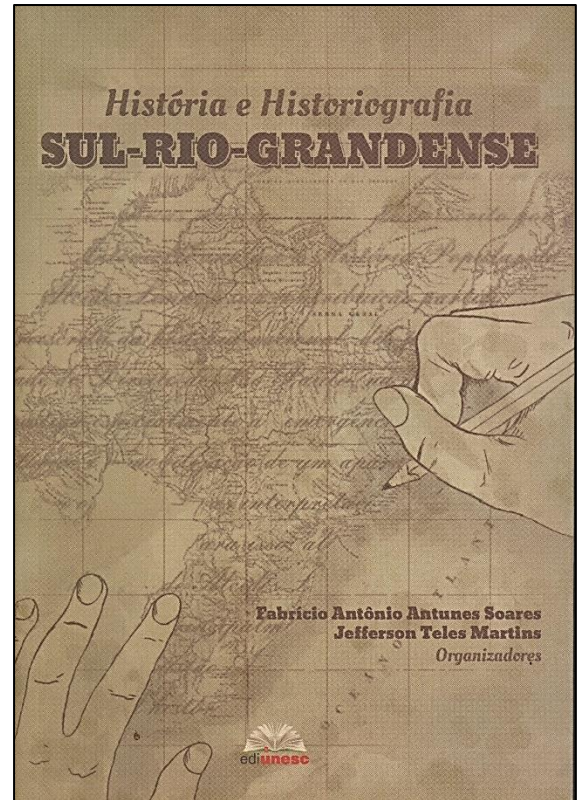
X-X

OBRAS ADQUIRIDAS

Os livros abaixo foram adquiridos pela AHIMTB/RS e estão à disposição dos integrantes e amigos da Academia.



MATOS, Mara Cristina de. *As tramas entre província e nação, literatura e história: O tempo e o Vento e Capitania d'El Rei*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2016.



SOARES, Fabricio Antonio Antunes; Jefferson Teles Martins (Orgs.). *História e Historiografia Sul-Rio-Grandense*. Criciúma, SC: UNESC, 2019.

Comunicado importante: ontem, dia 20 Dez, o Presidente da FAHIMTB, Cel Claudio Moreira Bento, houve por bem extinguir a citada Federação. Permanecem as academias filiais: Resende, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Rio Grande do Sul (a nossa AH-IMTB/RS). Estas, deverão elaborar seus próprios estatutos e se tornarem independentes. Este processo já está em andamento. Outros esclarecimentos serão prestados aos integrantes em breve.
Cel Caminha, Presidente.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE –Delegacia Heróis de Guararapes:

"<http://historiapatriota.blogspot.com/>".